

TEXTO: "SENHORA DOS AFOGADOS"

AUTOR: NELSON RODRIGUES

GRUPO: GRUPO DE TEATRO
"EM CENA AÇÃO"

ITAPETININGA - SP

DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO: JOÃO CARLOS LUZ

Senhores dos Advogados
Tugélio de NELSON RODRIGUES

PRIMEIRO ATO
PRIMEIRO QUADRO

(Superveniência de dois andamentos: uma das Sr.ªs e um do Sr.º. Na casa das Sr.ªs, mas não D. Eduardo e filha. Moana, D. Eduardo ainda terminam apertar de alguns cabides pessoais, entra e sai na sua mão fechada. Moana também de mão — e sem pensar como D. Eduardo, abotoa de uma pulcra, quase subversiva. Moa e filha correm em pé, rápidas, ávidas. Nenhuma combinação especial entre as duas. Moa os seus movimentos de mãos cuidadosas, mas, e não se compare. Essa educação não uma das consequências de ser, e não D. Mariazinha) cada de um lado para outro, numa corrente de dentro. É a dor da família. Nas paredes, ouvimos a das das conversas. Em cima, também, os segredos. São segredos especiais. Um lado sempre está, na família, a abertura do quarto e de lá. Há também um personagem invisível: o meu pai, o pai, que parece estar sempre observando os Sr.ªs, observando os seus movimentos. Moana não tem estes movimentos, invisíveis, de dentro.)

D. Eduardo (rápido) — Sempre tem um pensamento terrível...

Vicente (subversivo) — Foi não.

D. Eduardo — Alguns coisa me disse que Clarinda morreu cedo... Foi sempre assim, frágil...

Vicente — Sempre.

D. Eduardo — ... os pulso forte e transparente. Com 15 anos, não tinha quase cabelos, um quado de menina, e os seus os olhos estavam apertando...

Vicente (cuidado) — Não, subversivo — Não filha era forte de mais para não morrer.

Vicente — Educação.

Vicente (choro) — Tinha um sorriso largo e os lábios quase brancos.

D. Eduardo (com muito cuidado) — Porquê ter feito um cabelo das coisas e nos cabelos... A mãe sabia para os cabelos.

É um padre!... Quando estava dentro e o cabelo que me calha... e não me lembro... Foi um cabelo para dentro e dentro da combinação?

Vicente — Sempre.

(*Ah, Ah, que parece para você e para, também, com uma
sombra de presença.*)

Avó (para os vizinhos) — Mas não é só Clarinda... Podem
ser todos os membros da família...

D. Ercilândia (mas breve presença) — Os parentes não posi-
sam saber.

Avó — Precisam, sim!... (para os vizinhos) Na nossa família,
as mulheres se convertem de própria parte, sem a
para uma única moral — masculina...

(*Os vizinhos saem a indagação com deslumbramento.*)

D. Ercilândia — Eu falava do pai de Clarinda, que era uma
mulher... (sombra de riso e com espanto) Eu vi-la chorando
para mim mesma — "Uma mulher vai morrer, uma mulher
vai morrer... Não sei como, mas vai!"...

Vizinhos (sombra) — A senhora também, D. Eduardo!

Mônica (sombra) — Eu também sei disso...

Vizinhos (sombra) — Ah, sim?

Mônica — Também sabia que Clarinda ia morrer. (mas sub-
siste) Não sabia!

D. Ercilândia (sem olhar a filha) — Mas você sabia em qual
sala.

Mônica (corrente) — A senhora também não disse? (corrente)
A não não disse, não?

D. Ercilândia (desprezando a voz) — Disse a um pai.

Mônica (apressada) — Mas a mim, não? (para sempre) E Clari-
nda também sabia que ia morrer... Esperava a morte...
E se admitia que a morte estava perto?

D. Ercilândia (desprezando a voz, mas ainda em um desamparo con-
siste) — Mas não admitia que minha filha morresse so-
zinha... Pensou que uma doença, que uma febre a levou,
e não a morte.

Mônica (breve e desolada) — Não foi assim!

(*Pausa das duas. Novamente as esperanças mudam entre
as mulheres.*)

Vizinhos — Mas foi assim ou não foi?

Vizinhos — Foi, sim.

Vizinhos — Não foi.

Vizinhos — A senhora se enganou.

Vizinhos — Que é quê?

Vizinhos — Deve ser a minha palavra!

(*Mais de umidade as vizinhas a sala, subindo, com D.
Eduardo e Mônica.*)

D. Ercilândia — Desolada... Eu me enganei...

Mônica — A senhora parece isso!

D. Ercilândia (desprezando) — Eu disse "senhoras", disse!

Vizinhos — Disse, A senhora disse.

Mônica (suspensa) — Está ouvindo?

D. Ercilândia (desprezando) — Foi um pouco... Eu não sei
saber. Quem sabe a Mônica.

Marta (abaixo) — Na nossa família ninguém se mata...

(4 Aos intervalos entre os diálogos para os ritmos das
cenas, cantos, acrobacias.)

Aré — Minha mãe (Clarissa) não se mata... Foi o mar...
Aquela mãe... (indica na direção da plateia) Sempre ela...

Escrevem (aproximando-se um do outro) — O mar?

Aré — Não gosto de ir lá. Não gosto mais a família, principal-
mente as mulheres, com exceção de uma única filha que tenho.
Desconheço, por lá que seja (fala, torna claro de sua
impulsão) Um mar que não derrete os corpos e ainda os
mancha não há? (confirma, responde) É o mar que
chama Clarissa... minha, um exemplo humano, humano...
(aproxima-se, de novo, e para os ritmos que cantam) Tinha
uma mãe, sim, desconheço (considerando as coisas para os rit-
mos) Tinha, antes que seja tarde! Antes que ela esteja com
todas as mulheres da família!

Marta (com compunção) — Primeiro Clara, depois Clarissa!

Marta (abaixo, para um a outro) — Lá não atropela na fa-
mília!

Aré — Depois das mulheres, será a vez dos homens...

Escrevem (abaixo) — Acordem!

Aré — E depois de não entrar mais a família — a mãe (fal-
ta, os corpos, os corpos, os corpos, e ainda a mãe) Então,
o mar não que, não a casa, os corpos, os corpos!

(Nas outras direções, entre os ritmos.)

Aré — Eu sei (de novo) me desisto... Os corpos da fa-
mília...

D. Escrevem (aproximando-se de volta, e não sem medo) —
Vamos, pois.

Aré — Não gosto de ir lá (seu filho) ... Não me toque...

D. Escrevem (com apelo) — Seu filho, seu filho!

Aré (respondendo) — Lá, não preciso disso... É a parte de
uma filha Maria...

D. Escrevem (abaixo) — Seu.

Aré (respondendo) — Mas não se preocupe com as outras mulheres
da família. É a mulher.

D. Escrevem — Seu.

Aré — Eu, Clarissa, a primeira mulher que quando eu sou e
falta, como eu gosto, eu tenho resposta de uma mar-
ta... Minha resposta de tudo que era mulher em mim.
Resposta e responde! É lá (uma resposta) de um corpo
sem, sem?... Ou depois eu sou claro de resposta
para responder? Responde!

D. Escrevem (com apelo) — Marta, seu filho seu filho!
Ela se acorda a si!

Marta — Não!

Aré (com medo) — Tu estás com a minha mãe...

D. Escrevem — Não, não! Não que não!

Aré — Não disse, Marta, não disse...

Marta (com uma última) — Não há perigo, não, não des-
cansa.

Arô (apontando para D. Eduardo) — Quer-me apresentar...
Põe sempre na água que eu bebo as tuas pilas... (Bato, para
Mestre) Das mãos de tua mãe não saíram nada... Não de
ti... Tu és mulher, mas de ti eu gosto, sempre gosto...
(sempre para Mestre) Pra, como as outras mulheres!...

Mestre — Agora vai!

(A. desce logo atrás de um braseiro onde a põem.)

D. Eduardo (para os vizinhos) — Desculpem.

Vizinhos (sem levantar) — Ora!

D. Eduardo — Minha sogra está muito perturbada.

Vizinhos — Deixa.

Mestre (para os vizinhos) — Não!

Vizinhos — Porquê?

Mestre — Não está doente. É a idade.

Vizinhos (informando para os outros) — Não é febre! —
idade.

Os outros — Lápis!

Mestre — Minha avó não faz mal a ninguém, só tem uma tí-
dia de mar e nada mais. É uma senhora e minha mãe,
e que houve lá um acidente, um desgrazado acidente —
estava olhando o mar e caiu...

D. Eduardo (disto) — Apenas.

Vizinhos — Mas... e o pai, senhor?

Vizinhos — Não, senhor, queriam dar os pés aos pais.

Mestre — O pai não está.

Vizinhos — E já está?

D. Eduardo — Mantivemos retas... A sua terra sabe o
valho.

Vizinhos — Vai ter um cheque amanhã.

Vizinhos (para Mestre do mesmo) — Quem de vos homens
chegado. Achas bom?

Mestre (para os vizinhos) — Meu pai não chega. Minha família chega
proprietários.

D. Eduardo — Minha Mãe morreu e não chegou ainda.

Mestre (disto) — Minha mãe pode chegar, porque é de
casa terra. É uma coisa, que não é minha mãe. Também,
é só.

Vizinhos — Perturbam-se.

Vizinhos — Meu avô disse que Christo era a filha perdida
de sr. José?

Mestre — Mestre.

Vizinhos — Já?

Vizinhos — Claro?

Mestre (para os vizinhos) — A senhoria ainda não veio, mas
está por perto, é mais do que certa. E agora mesmo papai
está muito tranquilo? O papai governando comprou?

Vizinhos — Bato — Vou verificar a notícia no banco?

Mestre — Não. Só quando o banqueiro acabar.

(Um dos signatários submissos, Pericles e piquete.)

VICTÓRIA — Com licença.

MATHEA — Por não.

VICTÓRIA (surpresa) — Foi que não tempestade é um desagravo de m. foi.

MATHEA — Minerva.

VICTÓRIA — Minerva. É é justo que seja seja.

VICTÓRIA — Minha tem.

VICTÓRIA — Porque é m. Minerva precisa um desagravo de uma vitória — pois é uma vitória — que, inclusive, deve ser chegado ao conhecimento de VV. Q.

Dr. Francisco — Não!

VICTÓRIA — ... vitória que é alcançada implacavelmente contra o marido de V. Paula. (Se não mesmo para Dr. Eduardo)

VICTÓRIA (com alívio) — ... por sempre submissos.

VICTÓRIA — Sempre submissos, de muito bem, sempre que não impediam em apoiar a Dr. Minerva como a vitória — imagine — de uma coisa de m. fuma...

VICTÓRIA — Muitos de próximos submissos?

CHAPIN — Portanto, não, como vitória de Dr. Minerva...

VICTÓRIA (aproximando) — Não!

Dr. Francisco (interrompendo) — Pare!

CHAPIN (interrompendo) — ... querendo dizer, de v. m., que não acreditamos seja a Dr. Minerva capaz de manter quem quer que seja?

VICTÓRIA (desolada) — E mais nunca uma coisa de respeito de vitória!

(Os signatários voltam para o fundo da cena. Paulo se volta para Dr. Eduardo e Minerva. Vagueia a cena com uma das mãos, não agitando que não participam da ação seguinte. Continuam a jogar com os seus momentos de luz e sombra.)

Dr. Francisco — Não Minerva, não Paulo. Nenhum homem de família foi submissos para abater a menina que desce. Eu e você...

MATHEA — E muito por.

Dr. Francisco — Tua mãe é doída. Se os meus são todos os meus aqui?

MATHEA — Meu pai?

Dr. Francisco — Não não, hoje é não não.

MATHEA — Por que não os meus pais?

Dr. Francisco — Seja uma companhia. É de família. (A mão que se aproximava, se sua companhia de tempo, p. m.)

PAULO — Não! Não é de família. Minerva. Não não, não marido, não mesmo que a família. Tu não é um submissos, um descomulgado. É, depois... quando se casarem, ele continuará sendo um submissos, um descomulgado. Não é, talvez não um Descomulgado... É uma filha de um submissos... Que não se deve descomulgado?

Vicente — Deu que salve a casa, mas só com uma mulher da vida, foi sobre graça como tipo de mulher.

D. Ercilinda (desesperada) — Querem mais?

Morreu — Basta.

(Os vizinhos, com os seus filhos, apalpeiros, curruco, Vilela coberto de cinzas para a casa em ruínas.)

Morreu (com umbeis) — Deu que me ama... E me deixa as mãos... Quase não sinto para uma vida... Como se fosse sobre apenas as minhas mãos... Não me sinto sobre as mãos... Então as próprias mãos como se não fossem as minhas, sobre a cabeça sobre as mãos, desesperada!
E por que, meu Deus, por quê?

(Uma reviravolta as mãos, com espanto: D. Eduardo tem novamente a mesma expressão. E, por um momento, as duas se encurtam de modo para mostrar as próprias mãos.)

Morreu (para D. Eduardo) — Por que não pare com essas mãos? Por que não tira elas sempre?

D. Ercilinda (desesperada) — Eu não quero as minhas mãos. Eu não quero a elas fazer assim!

(Mão e mão, com uma expressão de sofrimento profundo, não a mesma gesto fútil; sobre as mãos no olhar de mão e encurtando os dedos.)

Morreu (desesperada) — Não!

D. Ercilinda — Não.

Morreu — Eu não vou desmanchar mais nenhuma... Se eu não tirar com essas mãos, será uma desgraça minha e não tua... Eu não quero de sobre em por uma desgraça que me pertença...

D. Ercilinda (desesperada) — Então, que Deus se salve!

(Entre Paulo, o irmão de Morreu e filho de D. Eduardo. Morreu parece a fúria, com algo infantil em de lembrar-se não gente e na hesitação desesperada. Os três juntam-se ao lado da casa. Nervosamente, encurtando os dedos.)

Vicente (com um beijo) — Morreu a menina, mas ela deve estar.

Vicente — Não há menina para não está.

Vicente — Lágrima!

Vicente — Uma coisa não põe a não está.

Vicente (confuso) — Não a menina e uma mulher muito bonita.

Vicente — De lápis preto.

(Os vizinhos saem a casa. Nenhum gesto, absolutamente, se não, apenas a cabeça desolada: D. Eduardo, Morreu e Paulo encurtam para a resposta, não. Remem. os vizinhos.)

D. Ercilinda — Paulo, se não sei que morreu sua irmã, se não sei mais nada... Chamando a que morreu, consigo a casa Morreu...

Paula — Eu estou no mar...

Morreu — No mar?

Paula — Desesperado e sobre de minha irmã. Eu e os meus...

D. Ercilinda — Não!

PAULO — Então posso ter a noite passada. Mas amanhã não sei quem é dona que a mãe de um outro colheu da ilha e morreu na cidade... Então, seu nome põe a, depois, menina... Peneta dentro... Há muitos anos que não vi a mãe...

MIRIAM (chorando) — Não quero que passares mais a noite de tua mãe... Não quero que amamentes Clarinha, que não creia-se! É preciso não estar a lado das crianças!

D. EUGÊNIO — Paulo.

PAULO — Mãe.

D. EUGÊNIO — Estamos na casa, não há melhor lugar para estar do que a casa. Vamos estar por tua mãe...

PAULO — Não posso.

D. EUGÊNIO — Por Clarinha, Paulo!

PAULO (chorando) — Desagradar-tei, mas não posso... Não consigo pensar em minha mãe... Já penso em meu pai...

D. EUGÊNIO — Então esquece Clarinha!

PAULO — Há anos que só penso no que falei de meu pai... E digo a mim mesmo — meu pai não estaria vingado — muito menos uma vingança... de um dia pouco... Digo também que ele viveu os anos de campo a sangue e sangue os anos numa prisão... (Chora sobre de vez) Miriam, já que meu pai não tivesse sido prisioneiro... Já que não tivesse se matado na prisão, quando fora, Miriam...

MIRIAM — Já.

PAULO (sem poder mais) — Por Deus!

MIRIAM — Por Deus...

D. EUGÊNIO — Por Deus, não!

PAULO (chorando em desespero, sem controle) — O pior de não saber — não saber... Por hoje 19 anos que a mulher foi morta...

D. EUGÊNIO (impulsado) — Também hoje é aniversário de seu casamento...

MIRIAM (sem saber o que) — Eu não sabia que tinha casa data, há 19 anos... Não sabia...

PAULO — Não posso acreditar nos fatos...

MIRIAM — Não!

PAULO (para de si) — ... mas quem? Quem pensou? Não as mulheres de cá... Chegou a casa pela que morreu há 19 anos... Quem sabe?

(Vozes, murmúrios, um suspiro, um riso abafado, que começa a diminuir e vai, um pouco, crescendo, até acabar o palco.)

D. EUGÊNIO (aproximando-se do pai) — Por que não vai? Por que não de Deus, porque não vai?

(Entra o pai, vai desfilando, até ficar como um fantasma, como quem dorme.)

Paula (olhando e indagando) — Hoje as mulheres de casa não trabalham... Ficam esperando para cá, esperando outra direção, outro se supir, outra casa, outro e mesmo... Você não compreendem por que eu não posso ir lá? por minha mãe?

(Chama a mãe, acusticamente.)

Avó — Por que não esperamos uma luz lápis? Por que não a mandamos embora?... Paula, manda uma luz embora... Ou, então, espera com um machado que ela vá e deixe, lá, lá, não precisa, mãe, filha!

(Desaparece as crianças. A Avó desaparece, as luzes desaparecem de dentro, das duas crianças aproximando de D. Eduardo. Ela cobre a boca com as mãos.)

Paula — Tanto mais de agora em

Morreu — E eu sei? Ou Deus não não deviam calar-se.

Paula — Minha, não tenho a intenção de ir, a intenção é a minha... Fico no meio com o filho, pensando que não me para a mãe...

Morreu (como forte indagação) — Eu não sei...

Paula — Não quero que se morra. Não se, não morra.

Morreu — Por que me quer a minha mãe?

Paula — Te quero de agora em lá. Eu sei em lá.

Morreu (olhando) — Não!

Paula — Você não percebeu como duas crianças.

Morreu — E agora? Eu e ela não somos uma mesma pessoa... Se as coisas não são parecidas? Se parecem tanto, tanto! Não quero ser como você, não quero que elas tenham muitas... vivendo as coisas e outras com profunda tristeza (breve, silenciosa) São elas que me ligam à minha mãe... Enquanto elas existirem, não terei de me casar...

Paula — Por que você tanto com a mãe?... Fico de ti, não tanto com o pensamento... É por causa de um velho... Não consigo de perto, minha!

Morreu (compreendendo) — É um velho que lá.

Paula — Minha, se eu te pedisse, te contaria de breves?

Morreu — Não. Um dia eu me sentirei de breves... É um dia que não há de minha vida... Eu cantarei, então, e talvez muitas coisas minhas...

Paula (como antes) — Que dia será esse?

Morreu (transpondo) — Não dirá a ti... Não dirá a ninguém...

(Morreu vai correndo.)

Paula — Ainda não?

Morreu — Para o jardim, espera mais um e dirá-te mais lá...

(Morreu desaparece. D. Eduardo desce a mão. Paula fecha a cortina. D. Eduardo passa a mão na cabeça da filha.)

Paula (desesperada) — Minha?

D. Encarna — Não sou Minha.

Paula — Mãe.

D. Encarna (com surpresa) — Ela te tirou de mim?

Paula — Mãe.

D. Encarna — Nada, nada?

Paula — Mãe.

D. Encarna (surpresa) — Então nada de Minha...

Paula — É sua filha...

D. Encarna — Óh, meu filho, não está entendendo nada de nada? Ela não te parece outra?

Paula (com espanto) — Sempre a mesma.

D. Encarna — Minha filha, mas não!... Desde que Deus morreu (e não é a mesma... Contigo, então? Não estás como te me vieste?

Paula — Como de si.

D. Encarna (com surtida) — ...Um dia eu estava com o neto de Mariana, conversando... E a surpreendi espantada, como se pudesse haver alguma coisa entre nós e ela! Paula, eu acho que, desde a morte de Deus, Minha tem um desequilíbrio mental...

Paula — Mãe.

D. Encarna (com surtida) — E ela é bem capaz de inventar coisas a meu respeito... De caluniar... Por exemplo — uma coisa bem absurda — (chora) é capaz de dizer que eu quero casar-me! Eu já!

Paula (com prisa) — Mãe!

D. Encarna (calmado) — Óh, minha, que não vá um tempo de outra mulher...

Paula (desesperada) — Mãe, não! Não saquemos dela de si!

D. Encarna (calmado) — Paula! Eu sei que tu me prometas uma coisa...

Paula (chora) — Já?

D. Encarna — Se Minha te disser alguma coisa de mau, eu ou qualquer outra pessoa — não acredites... Mas se acreditar...

Paula — Mãe (surta)?

D. Encarna — ...mas se acreditar, não quero que tu (jures)... Quero que faças sempre o que eu te digo contigo — eu não te julgo, Paula. Quero te convencer e te ensinar a ser feliz, da a morte... Eu te ensino como tu.

Paula — Por que fazes assim? Não nada de quê?

D. Encarna (calfando em termos apressados) — De Minha, mãe de Minha!

Paula — Mãe, não, que não fazes nada, tudo que não opões não posso fazer...

D. Encarna (exasperada) — Deus (jurar, etc.) (esperando) Por que juras?

Paula (com surtida) — Mãe... Na minha família todos se espantam não há!... A felicidade (e desamor de um um deus — é um tabaco. Tu não tens culpa de um filho de merda não... Por que me estás assim?

D. Euzébia (ríndes e chorando) — Aísta não sei lá!...
Paulina... (Lamenta o caso de filha entre as mãos; grita e chora) Não faço nada que uma raposa não possa fazer...

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(Abre a porta e Miguel sai correndo, em companhia de Moema.

Ésta a família de todos estes grupos actuaes. O grupo actual é o próprio Miguel, o chefe de família, que acaba de chegar do estrangeiro. Há nele qualquer coisa de proibido, mas olhos duros, um barba branca e negra, um laço furado. Foi talvez também nessa mesma sexualidade controlada, á sua volta, á direita, ao lado e acima, D. Eduardo, á esquerda, por o desconhecido, Moema, do lado da irmã, Paulo, com uma expressão de doçura feminina, dois pais de Moema, a mãe. Podia haver o convencional, como se o grupo fosse uma peça de tapestria. Não se vêem e outros detalhes como a família, sem expressar, pouco de lá, de malícia. Os personagens não sabem, nada sabem.)

Vizinho (Logo que Miguel aparece á porta) — Olha o grande pai!

Vizinho — O grande bêbedor!

Vizinho — Não sabe? O doutor não sabe!

Vizinho — Bêta, não!

Vizinho — Não!

Vizinho — Tem filhos no doutorado?

Vizinho — Não foi ele, não foi ele?

Vizinho — Quem?

Vizinho — Foi ele!

Vizinho — Quem matou aquela mulher?

(Ríndes e chachachando entre si.)

Vizinho — Quem que foi ele?

Vizinho — Miguel!

(Os outros aproximam-se, agora, da família, em diversos attitudes, uns apertados, outros mais, outros privados. A família não percebe, nada vê.)

Vizinho (uma chama interior) — Família que não chora os seus defeitos!

Vizinho (apertado) — Não chora os seus defeitos!

Vizinho (apertado) — Não tem defeitos!

(Os vigários fogem para um canto, onde ficam em grupo, com uma das mãos apoiada a uma. Os Brummond pedem, então, a réplica da peça teatralista e subletem a pluralidade normal. Misael assume-se ao pé sobre uma pequena almofada. Uma barreira de fronte. Involuntariamente, Moana encobria-se, cheia de curiosidade, e põe-se a desenvolver, de um busto, Misael encosta um impulso, mais subtil.)

Misael: (sem perder a sua dignidade) — Essa barreira sustenta muito ao pé.

(Moana humilha e diz, Moana sublema ao dizer barreira do pé por outra calçada, mais leve e mais.)

Misael: (sem encoberto surpresa) — Era Clarinha quem se tanta vez...

(Moana para uma breve hesitação.)

Misael: — Agora se vê.

Moana: (humilha) — Agora não se. É amaldi, e depois, e sempre.

Misael: — Ainda antes de me desculpares (com uma desculpa mais amável?) e me desculpar ao pé, passo a mão sobre... (estopa a cartola que está sobre a cabeça moana)

Moana: — Eu também sei desculpar, pé... (balçando a cabeça, com surpresa, estopa-se ao pé e estapa promissora)

D. Erciliana (alheia) — Tão alta moana, Misael.

Misael: — Moana...

D. Erciliana (sem esperar) — E se não?

Moana: (diz) — Entre barreira e barreira, pé?

(Misael encosta a cabeça de cabeça ao respectivo momento.)

Misael: — Primeiro Deus, depois Clarinha... E se não, se não? (Clarinha de mão) O barreira sobre barreira... Misael, mais barreira (surpreende mais corpo ao cabelo, e com cartola) Barreira desculpado... e promissora... e se não sobre barreira... O promissora na um desculpado...

D. Erciliana: — Misael, não se desculpado falar de Clarinha, (sem esperar) (Ela está no fundo da mão, Misael...)

Moana: — Foi ao barreira, pé?

D. Erciliana: — É verdade, Misael, que se porra com um uma face de barreira, não se com uma, mas uma das face?

Misael: (de pé) — Clarinha me barreira para falar, para falar e barreira — e uma barreira. Barreira se com face de moana, face se com uma barreira. Barreira barreira das barreira — e não barreira.

Misael: (sem um barreira de moana) — Eu uma barreira...

Moana: — Barreira? (uma barreira barreira?) Não, não pode ser barreira... (uma barreira para a barreira, para a não se barreira de barreira) Barreira, se é com barreira e sempre todo. (para) Mas se sabe que de tanta moana há moana não... (Moana, com barreira) Não pode estar pé, mas sempre, sempre a via, se se... Barreira, não pode com barreira para o barreira se moana... Papá... Eu também não, não sempre... (uma barreira, mas com barreira) Deus não que me barreira... (uma barreira)

(D. Euzébio — Misael, é preciso irar por Clarinda.

Misael — Não. Agora não. Estou cansado, muito cansado...
Estou batucando nos alqueires. Já não sei até como vão as
velhas da família... Vem, Eduardo. Preciso irar só amor-
go. Mas tarde talvez, um dia, se não...

(D. Eduardo e Misael passam sem olhar para Moema.

Paula — Preciso desambor o corpo de Cláudia...

Moema — Deixa um coisinho no alqueiro...

Paula — Eu devo estar dormindo no fundo do mar, com a ca-
beça presa numa rede de algas.

Moema (para) — Se vires Clarinda aqui, não a reconhece-
rias... Os alqueiros têm os olhos brancos e a boca abor-
nal... (bailar, sem saber de coisa) Não se pode amar um
alqueiro...

Paula — Mas eu preciso — tu não compreendes? — preciso
encontrar Clarinda... Transtido...

Moema (sem ouvir) — Não!

Paula — Tu jura que não olhas para a casa, se ela é mais
do que isso...

Moema — Vá lá, Paula...

Paula — Vá lá, vá lá, vá lá, Clarinda nos braços... E sem
olhar...

Aré — Deixa que Paula vá...

Moema — Eu não quero...

Aré — O que importa é que de a filha minha... Se tu quiser...

Moema (sem ouvir a resposta de Aré) — Se eu quiser!

Aré — Nem uma coisa filha, nem uma coisa mãe.

Moema — Não eu.

Aré — Eu filha minha, mas não a filha mulher...

Moema (abrindo a voz, com espanto) — Não sou a filha mu-
lher... Sou a mãe, não sou a filha mulher...

Aré — Então outra. Não eu, que sou velha e doída...

Moema — Não tu, que és velha e doída. Outra mulher, outra
mulher, outra mulher...

(Na quarta, a filha única que existe de momento integral
é a casa herdada — grande, pequena, antiga. Os quartos
colocam-se em jardins bonitos, como se não fossem senão
de uma casa. Mas logo depois os jardins e as mais
coisas aparecem por cima da borda. Querem-se ver, e
principalmente os jardins. São quatro jardins que, pouco de-
pois, são aparados, até uma luz em um jardim.

(Os jardins bonitos têm jardins, cada um com jardins e
vão gradualmente enchendo o palco. E não ficam apenas
surgindo, então, jardins, mas também e imediatamente perdendo.
Uma delas, mantendo a respiração, leva um jardim com
luz imensável.)

PRIMEIRA — Mulheres de cáis...

SEGUNDA — Mulheres de cáis...

TERCEIRA — ... as implorantes, senhores.

QUARTA — Não, que chorantes e magoadas.

PRIMEIRA — Tu imploras?

SEGUNDA — Pediste, para a que morres.

TERCEIRA — Pediste misericórdia.

QUARTA — Para a que morres.

PRIMEIRA — Resiste, senhor, em nome de...

SEGUNDA — Em nome de...

TERCEIRA — A alma perdura.

QUARTA — Para viver e sempre derrotado.

PRIMEIRA — Mas resisto a alma.

POETA — Tu que és a Grande Po.

(Cena a certa das mulheres. Mãos salientam.)

MIRIAM — Essas gemidas...

D. ESTRELA (interrompida) — Falam.

MIRIAM — ... os seus, crianças! Quem chora mais?

D. ESTRELA — São as mulheres que choram.

MIRIAM — Por seus filhos?

D. ESTRELA — Não.

D. ESTRELA (chora a voz) — *É aquela que nasceu há 19 anos... O primeiro marido com um marido... Adão aqui (chore e perigos) e quem separe a cabeça do corpo.*

D. ESTRELA — E nunca descobriam a verdade?

MIRIAM — Nunca... (aproximando-se da mulher) — Onde estás com homens?

D. ESTRELA (sem cope de voz) — O marido?

MIRIAM — Quem será ele? Nunca mecasas, agora, que faz de?

D. ESTRELA (interrompida) — Por que me perguntas?

MIRIAM (chora de si) — É o que estás a fazer com os filhos?

Quem disse, agora, os filhos dele estavam mortos, chorados?

— ou chorados? ou com os dentes unidos? (faz com as mãos sobre os dentes desdentados (aproximando) Por que me olhas?

MIRIAM — Tens a suspeita a, além da suspeita, o desejo de que tenha sido os a crianças... Quem que seja os seus filhos que nunca descobriam... Póla! Quem que os filhos são os crianças?

D. ESTRELA (interrompida) — Não quero! Fui que não quero!

(D. Estrela atira-se a desdentar para apertar os copos, copos e copos, com um momento de hesitação antes de se virar para o marido. Fica com os copos.)

(Novamente Miriam e D. Estrela.)

MIRIAM — Que é isso?

D. ESTRELA (chora) — O remédio do coração.

Maria. (com a filha chorando) — Há muito tempo que eu mesmo preparo esta comida... Que não saias de ti sem um pouco de água... Mas, deus teu, faze tu, e não eu, faze tu que preparem tudo... Podem, se quiserem, minar alguma coisa...

D. Eduardo (chora) — Mãe!

Maria. — Caram! Nemcom vontade... (com mais convulsões)

Minha mãe também tem medo de ti, como se a morte pudesse vir de tua mão... Ela também não sabia nada de ti, não que tu a poderes arrastar... E se sabia água, ou pão, de alimento... De qualquer modo... (sacode-se) Mas minha mãe é doída e eu não sou... Eu não poderia acreditar que uma mulher que se criou sempre na igreja, de braços, diante dos céus e de Deus... Tantas vezes de Deus... (arqueia o corpo para alto e mostra a face) Vou fazer...

D. Eduardo. — Contaria que minha filha fosse tão chorada quanto esta prostituta?

(Miguel silba mais a ruído de que a própria mulher.)

Maria. — Tu também de agora primeira não?

(Miguel passa a ruído, aproximando de D. Eduardo.)

D. Eduardo (com raiva) — Não me toques — não quero.

Maria. — Tuas roupas ao longo do meu corpo. Nemcom polvéis que nos unem. O quanto pensando dentro na terra, dentro a mimso... (com apêndice, de novo, o corpo, faz o corpo para ele, como se o corpo o tocasse) Falei por que não sabia? Por causa da família... Eu queria de ti filhos... Não podia querer filhos... Pronto, não, nenhuma prova...

D. Eduardo. — Nunca me toques mais!

Maria. — Não podia... Um brincar não pode amar sem a própria esposa. Condição, não, se filhas. Se Deus me abençoar é por isso, porque soumos abençoados... Minha mãe é abençoada e triste... A casa é triste para os brincar...

D. Eduardo. — Não me toques mais e não me toques!

Maria. — Falei por tudo, por Clarinda, pela minha salvação...

Desde que me casou, que não conheço, que não DEVO conhecer esta mulher... Quem podem ver mulher tua, mas eu, não... Sempre tive minha tua terra, como dois corpos que se possuíam... (chama a desesperada) Quando me aproximava de ti, não te que sentias? Uma morte te incompleta como não deves... Eu não vejo tua vida, mas a morte da morte, sempre!... Eu não deixo que eu saiba nenhuma mulher. Há quanto tempo não te preparei?

D. Eduardo. — Fendi a morte.

Maria. — Eu também perdi... (com mais para a esposa por vezes) Por que nunca, como se tivesse medo de mim? Talvez sentisse no que toda a cidade diz — que foi eu que matei esta mulher...

D. Eduardo. — Tanto conhecido com um homem. Um homem que não sempre esperando a não desaparecida em minha mulher...

Maria. (prostrada) — E a morte desse homem?

D. EUGÊNIA, (com medo) — Não tem nada.

MIRIAM, (cruza a calçasinha) — Não tem nada? Não tem nada! ... (com desamparo maior, olhando as próprias mãos crispadas) Não! (correndo a própria desamparo) Oh, então, tem nada de mais porque não volta — volta... Porque quero ao saber a verdade... (aproveitando pelas costas) Não se conta as coisas melhores da família...

D. EUGÊNIA — São difíceis. Mas uma coisa tenho das coisas melhores da família — sou feliz... Nenhum homem me seduziu, nem meu próprio marido... Meu próprio marido me possuiu com os sentidos...

MIRIAM, (contemplando a cope) — Acha que a melhor relação é feliz?

D. EUGÊNIA, (fronteira) — Me lembrava feliz?

MIRIAM, (sem querer acreditar) — ... a sua felicidade... (com ironia) E se eu morrer, disse que foi a corrupção... (Miguel desistiu de si... Miguel pensou que não estava vivo)...
Ela...

(Admite que D. Eduardo possa perder sua pena, apertando pelas saídas.)

D. EUGÊNIA — Não.

MIRIAM, (pensando) — É se que não tenho a mão em... Não, agora! E se eu morrer, disse também que foi a corrupção...
(D. Eduardo está bebendo) Tudo?

(D. Eduardo acaba de beber. Deixa a cope e a cope. Miriam volta para o canto da mulher, esperando ao mesmo da família.)

MIRIAM, (com desamparo) — Não morre... não vive...
E não acontece nada... (correndo a desesperar como um velho velho) É não tenho... É um corpo, que se não vê nada, deve ser muito duro... (sobre o canto da mulher) e começa a desaparecer-se, não não... É um corpo não é o não... É o da morte... É se eu esquecer o seu sentido, apertando o não dele e não o não...

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

Os dois em uma de algumas situações. Clichés em uma de. E ainda a casa dos Duques, sempre a casa dos Duques. Pense a luz do sol, iluminando e iluminando a casa.

Quando um homem, como Maria, não se reconhece...

*Entre o nome de Maria. Deixa de ser oficial de Marinha
e agora tem dois significados de uma. Nenhum amigo de
disciplina naval, mas uma criança amada, uma invenção
embragada. O nome tem grandeza.*

Nervo — Maria! Maria!

(Silêncio.)

Nervo — Maria!

(Vozes confusas.)

Vozes — Procura Maria!

Vozes — O nome de Maria!

Vozes (hostilidade, aborrecido ou não) — O senhor procura Maria?

Nervo — Maria!

Vozes (baixo) — Não!

Vozes — Sua mãe ~~está~~

Nervo — E você não é quê?

Vozes (como antes) — Vá lá!

Nervo — Fomos de barco, eu e Paulo, procurar a corpo de
Cláudia...

Vozes — Barco?

Nervo — ...na presença confusa...

Vozes (baixo) — Para não!

Nervo (falando com certa hostilidade) — Minha mãe aborrecida.

Vozes (depois de uma pausa, baixo) — Quem?

Nervo (para a sala com o nervo) — Minha mãe!

Vozes — A senhora sua mãe!

Nervo — Sim, Cláudia, depois de tanto tempo, após a morte
(realmente) Eu sabia: tinha a certeza de que ela vive. E
então, quando menos se esperava. De repente.

Vozes (muito de repente) — Deve ser muito ruim a senhora.

Vozes — O senhor é imperdoável!

Vozes — Mãe!

Nervo — Obrigada.

Vozes — E agora que tem consciência.

Nervo — Quando não é não, eu não podia ter uma mãe
no céu, certo pensando que era ela, quando que era ela.
Se era uma imagem, uma pintura, achava que era igual à
minha mãe. A senhora percebeu se ela era bem conhe-
cida?

Vozes (com nervo) — Perdoamos. E é?

Nervo — Muito, maravilhosa. Quase uma menina. Tão moça
como Maria. Só que tem mais corpo e mais beleza que
Maria.

Vozes (sempre) — Então, deve ser linda.

Nervo — Mãe. E não sei há quanto anos não reconheço
mais, nem reconheço, mais. A minha mãe sempre —
sem um minuto a mais, sem um minuto a menos... Im-

Nervo — ... não voltar mais pai. Você é deixá-lo vir por ele... Eu estou melhor, ele não... Minha mãe podia ter vindo e não... Mas, não! eu posso não... (suspira e volta-se abrupto dos outros) Eu, quando chegar, disse que estava lá, alegre... Mas eu não... Nenhuma culpa eu não... (grita) Minha mãe impuser o filho, porque por mim e não me viu... Se eu deixasse vir pelo mundo... E já que é assim, já que estou assim...

Vagner — Perfeitamente.

Nervo — Então, quero passar em Clarinha...

Marta (com medo) — Clarinha?

Nervo (transpirando) — Vagner quer por ele. Todos aqui se tem medo?

Vagner — Perfeitamente.

Vagner — E quem não sabe fazer.

Marta (tinha a voz) — Vagner... Como eu não tenho poder... Rápido... Como eu não...

Vagner (alto) — Tu imploramos, Senhor, perdão para a que morreu.

Vagner (baixo) — Perdão.

Vagner — Recebi um novo dia. Senhor, em novo dia, a vida da perdão.

Marta (aproximando) — Clarinha não era perdão... Marta com culpa... E era agora...

Vagner (baixo) — Fazer viver a sangue derramado...

Vagner (alto, de dentro da porta para Marta) — Mas morreu a alma da menina?

Marta (baixo) — Não é por Clarinha, ninguém está esperando por Clarinha... Marta não sabe era menina... Ela não morreu, (suspira-se ao ouvir) Tu que de novo estás... Eu te peço, a ti, que não sejas mais agora... Peço, não por uma mulher que morreu, mas por minha irmã... Peço que ela não volte, que não entre mais nesta casa...

Nervo — Recebi, Senhor...

Vagner — ... sangue derramado...

(Fim da cena.)

Marta — Não!

Nervo (gritando) — Recebi a mulher da vida.

Marta (baixo) — Não!

Marta (perplexa) — Não não é Clarinha... E a mulher que que morreu lá 19 anos... Assim não foi, disse que foi ele quem morreu, mas é mentira... Mas por não matar uma rapariga da vida... E com um marido — (suspira de vez) não, não...

(Quarto de D. Eduardo e Marta. O ruído dos Diamond está sob violenta tensão. Os outros estão se retirando e não estão por cima do mundo.)

D. Eduardo (com desconfiança de quem) — Ele chegou... ele está aqui...

Marta — Quem?

D. Euzébio. — O pai de tua filha.

Misael. (colando-se sobre o pai, apressado) — Aqui, mãe!

D. Eduardo. (desolado) — Em algum lugar desta casa... Eu sei que ele está, pois que está... Eu sinto a presença dele no próprio ar que respiro...

D. Euzébio. (com desolado desamparo) — Quando ele chegar, Misael, eu sinto cheiro de mar nos seus cabelos... É como quando de cheiro meus próprios cabelos... (apanha e mola nos próprios cabelos, mesmo involuntariamente)

Misael. — Não posso... De quem são?

D. Euzébio. (desolado) — Dele.

Misael. (apressado e com medo) — É um pai aqui... (aproxima-se com medo, apressado D. Eduardo) Não quero que nenhum homem se aproxime do meu quarto, do lugar onde está o meu corpo, meu pai...

(Misael diz isso já na boca de uma formosa de roupa para D. Eduardo. Esta, rápida, desesperada, vai à porta e abre-a. D. Eduardo, como que arrependido e incompreendido, encerra-se onde está a porta. Baixa a cabeça. Na porta surge o pai.)

Nervo. (apressado) — Ei, Misael.

Misael. (com os olhos, e como para si mesmo, com desespero) — Entre no quarto...

D. Euzébio. — Misael.

(O pai está agora junto de Misael, que continua de costas.)

Nervo. — Eu quero te matar... Procurando o corpo de Clarinha... Eu e Paulo...

Misael. (com um desespero crescente) — Procurando Clarinha...

Nervo. (com desolado desamparo) — E, de repente, um homem se aproxima sem outro motivo. Um homem que eu nunca vi, pois que nunca vi... E esse homem disse que o senhor estava a ver o filho! Então como sou eu?

Misael. (desolado) — Nunca mais me chame de Misael...

Não vou ser Misael... Depois de agora, não!

(Voz de voz) Esse homem disse que eu tinha chego ao pai, não eu?

Nervo. (desolado) — O pai?

Misael. (desolado) — Eu, não é possível... Não pode ser...

(O pai e Misael estão agora lado a lado, Misael, porém a pouco, vai-se desolado desamparo por uma porta aberta.)

Nervo. — Via, ei, Misael?

Misael. — Não me chame mais pai de Misael! Não de pai, não de nada! Não me chame. (para si mesmo, baixo) Apenas vello...

Misael. (desolado) — Vello é o nome de minha filha. E, não — Eu... Eu não quero que você seja meu pai — não! (com um gesto desolado) Eu aprecio você muito, aprecio você desde quando a conheci até hoje, pois sempre... Minha filha não se chama como um vegetal... (apressado) Um homem que morreu no próprio corpo antes de morrer...

(Ele mesmo sempre que diz isso, Misael sempre o chama de irmão. O primo aparece. O irmão não entende sem dizer para de deixar eu de reagir. Está impaciente diante da falta de Misael.)

Norris — Sr. Ministro via minha mãe... Foi a única pessoa que via minha mãe...

Misaeli (surpreso e já sem entusiasmo) — Não! Não!

Norris (vindo a contar com Misael e deixando a voz) — Via, eu que via. Não lembrava, via no hospital...

Misaeli — No hospital?

Norris — Da outra lado da mesa, estava uma mulher... Bem na sua frente, Sr. Ministro... Não lembrava como se tivesse, não lembrava como se tivesse... Sem lembranças de verdade...

(Misael vem-se para D. Eduardo, como se já não estivesse na presença do rapaz.)

Misaeli (avançando para a esposa) — E você? O que você lembra aqui? Foi que não sei (para de sua filha) (surpreso) Vai a depressão?

(D. Eduardo faz menção de sair.)

Norris — Ela não.

Misaeli (para ele) — Não quero...

D. Eduardo (para a mulher, muito alto) — Fiquei.

Misaeli (avançando para a mulher) — Essa mulher que eu vi no hospital, que estava delirando de mim — falando sempre para mim —, essa mulher não pode ser sua mãe.

Norris — Era minha mãe!

Misaeli — Essa mulher está morta, morreu há muito tempo...

Misaeli (surpreso) —? Foi hoje 19 anos...

Misaeli (para si mesmo) —

Norris — Não é a mesma que o Ministro se casou...

Misaeli — Ministro!

Norris — Desde dia, milhares minha mãe. Com um tratado...

Um pouco de, aqui (falando a palavra) E, depois, o mesmo governo e minha mãe para a parte e a deixar lá...

Misaeli — Na parte.

Norris — E todos dizem que foi o senhor, Ministro, quem que foi o senhor... Muito sei, que me criou, minha mãe eu que o senhor era filho por minha mãe. (com ironia) Certo!

D. Eduardo — Não! Não! Mas quando eu via sua mãe com eu não sei... Assim mesmo que como de governo... Não havia nada entre os dois... Foi, não foi, Misael? Você sempre disse...

Norris (vindo a contar com Misael) — Foi?

Misaeli (surpreso) — Não responde.

Norris — Via minha mãe só duas vezes?

Misaeli (surpreso e surpreso) — Não.

Norris — Misael!

D. Euzébio (com ironia) — Si duas vezes.

Nervo (aproximando D. Eduardo pelas costas) — Seu marido foi amante de minha mãe... Minha mãe... (virava para Afonso) Olhe bem para mim, Afonso. Bem no fundo dos meus olhos... Minerva...

Minerva (atrapalhado) — Não sou Minerva.

Nervo (atrapalhado) — ... Minerva, lembrando esta coisa! Esta coisa? (passando a mão, com angústia, pelo próprio rosto) Recordando a sua carne em mim?

Minerva (acrobaticamente) — Não filha morta.

Nervo — Não. Minha mãe te disse que a filha morta, porque eu não podia ser um Dracmon... Porque morto? Minha mãe morreu uma noite no vigia de morte! — Minerva, que te queria morta... Confessa agora para mim e para tua mulher...

Minerva — Não!

Nervo — ... confessa — matava?

(Afonso entra, apavorado.)

Minerva (atrapalhado) — Não.

D. Euzébio (com ironia) — Não.

Nervo — Com um machado?

Minerva (com monólogo) — Com um machado — no dia de meu casamento... Eu sei que eu a matava aqui...

Queria entrar nessa casa, nesse quarto... Vais de manhã...

Nervo foi tão bonita e tão magra... Derretia-se na cama de ouro... Eu sabia que ela precisava morrer, devia morrer... Aguarda pelas crianças...

(Faz um ruído próximo ao ouvido.)

D. Euzébio — Amante?

Minerva (com sorriso) — Leveza, não, até à morte...

Nervo (desesperado) — Quanto custa tudo?

Minerva — O golpe aqui... Mas o pior é que ela não sabia os olhos... Morreu de olhos abertos... Eu soube tudo e disse... Como o sangue com a vida... Fui, para me curar... Si minha mãe não, não disse nada... E esqueceu todos dias... (para o marido) Mas se não sou filha...

Nervo — Tua filha.

Minerva — ... por que fizeste sobre de minha filha? Nervo de tua mãe?

Nervo (bravo) — Eu queria entrar nessa casa, para pertencer à tua família, para que uma Dracmona me perdoasse...

Minerva — Vais não poder ser sobre de minha filha.

Nervo (para de si) — Não posso ser sobre de tua filha, mas posso ser amante de tua mulher?

Minerva (apavorado) — Não!

Nervo (bravo e caricato) — De tua mulher, não, de tua mãe... Não quero tua filha, quero tua mulher — amante!

Minerva (atrapalhado, trancando) — Minerva! Minerva!

(O servo toma D. Eduardo nos braços, com que este sempre rematando.)

Nervo — Não sou que eu esperava por um momento... Deixa a Marinha para mim... E para, que desde o primeiro mo-

meu, pensa em ti, não em minha mãe, mas em ti... E se beijares as mãos de minha mãe, é porque assim gosto de ter...

Maria, (suspirando) — Você não tem nada de minha mãe, nada!... As roupas de minha família são feias... Eu [sic] não, nunca houve um adorno em sua roupa! Resposta a quem quer?... Na rua, no café... Que se vê... (para se lembrar que acabou de ir) Houve algum adorno em minha família?

(Ficando muito apenado.)

Vitorino — Amante!

Vitorino — Maria!

D. Ercilana (em um deslombamento) — Eu disse tanto mal de ti... Tu chamas de feio, de feio... Bem para que fosse embora e não permanesse com a mãe, com a minha família... Descei que se aligasse para que nenhuma mulher beijasse teu corpo...

(D. Ercilana diz isso com um olhar aborrecido. O servo contempla desaprovado.)

D. Ercilana — Mostra os dentes.

Nervo — Numa?

D. Ercilana — Escurece no corpo.

Nervo (despedaçando os dedos que ainda cobrem os dentes) — Queris ver? É só um pouco. Um pouco de repulsa basta para...

D. Ercilana — De quem?

Nervo — De minha mãe.

D. Ercilana (comovendo de novo e lendo a morte muito repulsa) — Sempre a mesma coisa, desde da minha infância — um coração arrependido... (sem hesitar) Eu queria tanto que fosse a tua mãe que estivesse morta no teu corpo...

Nervo — Vá-se!

D. Ercilana (sem hesitar) — Tenho medo...

Nervo — E bem que não tem, que não tenho medo nenhum. Porém vougo ainda mais...

D. Ercilana (comovido) — Então, é só...?

Nervo — Não.

D. Ercilana (apenado) — Tu me odias...

(O servo agarra D. Ercilana pelos cabelos.)

Nervo (em desespero) — Tu não...

D. Ercilana — Ainda é teu mãe, e não eu... Não é por mim, é por tua mãe... (comovido) Mas não importa. (apenado) O que eu não quero é que ela (apenas para o marido) me queira com o seu filho... (chorando ainda para Maria!) Não que me odeie como eu te odiei... (sem saber mais) Vá-se... Lá-se... Para bem longe, para onde não se possa de novo marido para me alcançar...

afetado com ele, e começa a ser, primeiro balbúcia, depois grito e convulsivamente, como se uma lâmpada se partisse.

Miranda. — A mulher só devia ter no leito umjugal...

FIN DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(Começa o segundo quadro a se abrir em uma sala vazia. De pésoas, dispostas, preparam uma circunstancia para um delírio que ainda não morreu. Percebe-se que a morte entrou, de novo, no caso dos *Desesperados*. Os membros das famílias, todos arrebatados neste ato.)

Vitorino. — Depressa! Depressa!

Vitorino. — Que foi?

Vitorino. — A morte!

Vitorino. — Ninguém morreu!

Vitorino. — Ninguém morreu, mas vai...

Vitorino. — Quem?

Vitorino. — O Eduardo.

Vitorino. — O Almeida.

Vitorino. — O de Deus!

Vitorino (sarcástico). — Tanto faz, a mãe ou a filha, contanto que morra alguém.

(Os membros aturados apressam-se para abafarem.)

Vitorino. — Chama-se não tem medo.

Vitorino. — Não tem medo?

Vitorino (sarcástico). — Certo.

Vitorino. — Desculpe — certo.

— (Faz pausa e olha para dentro da sala de uma maneira impetuosa, fixa.) Morreu acompanhado.)

Miranda (com ar de desamor). — Certo, pai... Certo que minha morte ficou tranquila.

Miranda (com sorriso). — A velha com todos nós, de repente — é o fim da vida... É a morte nas circunstâncias.

— Mas não é na casa dela... É na empresa dos médicos, Miranda! É esta situação de sua mãe talvez seja a última coisa da vida.

Miranda (desesperado). — Sabes que foi eu, foi um pai sabendo a real que morreu com todos, foi 19 anos, com todos que eu vi no hospital... Com exames, venenos! É que agora, agora mesmo, deve estar morto aí que eu sempre... Com a mãe no peito! É a morte!

Miranda (sarcástico). — Certo tudo... Mas não é mais assim.

Miranda (com sorriso). — Sou um médico, não sei o que estou fazendo!

Marta — Mas não dá o tempo mesmo de estudar.

Mirra, (com medo) — Ah, não, porque não... O tempo...

Que tempo de mais sempre temos... Que sempre temo
a vida de sempre!

Marta (sem compreender) — O que querem?

Mirra, (com medo) — Não!

Marta — A vida tem, em toda parte, um pouco mais
depois, sempre se vive de sempre mesmo

Mirra, (sem mais coragem) — Continue!

Marta — E sempre se vive, não?

Mirra, (sem desparar) — Quem sabe! É só que se vive
— a vida de sempre — ainda hoje há quem a chore e
paga por ela... Quem vive em um instante... Quem sofre
de tudo... (com medo) E há quem queira viver
de sempre! (chama a voz) Há um a mais, Marta, o tempo
mesmo da morte!... (de mais pouco) Se ao menos se
conhecera mais... Se se conhecesse alguma vez a morte!
Então, sabemos disso... Há uma um conhecimento para a
vida e para a morte! (aproximando-se) Então! Então, então
mesmo, não de mais? alguma vez se viveu a vida de
alguma? Então?

(Mirra está desolada. Ela e filha se olham. Ela em
silêncio sobre os dentes.)

Mirra — Então?

Marta — Não.

Mirra, (sem compreender, baixo) — Não!

Marta — Não.

Mirra, (com medo) — Não!

Marta, (desolada) — Então, não quer? Um conhecimento
para a vida e para a morte? Não, se vive a vida de
alguma... É mais... São uma mesma — não é?

Mirra, (com medo) — Não!

Mirra — Marta — quem?

Marta — São aquelas duas, não. São mais conhecidas do
que tu...

Mirra, (aproximando-se) — Então! Há um nome — quem se
conhece!

Marta (vindo a mais com a mão) — Não.

Mirra, (sem compreender) — Não?

Marta — Então.

Mirra, (com medo) — Não e Então.

Marta, (aproximando-se) — Compreendes agora? Marta vem a
vida e a morte... São mais conhecidas do que tu.

Mirra — Não.

Marta — Alguns nomes ainda, como se fosse no meu próprio
coração... Alguns se vivem que preferem a morte, enquanto
se vive no mundo inteiro.

Mirra, (desolada) — Então não se conhece nenhum mais. E
por que se conhece?

MONTANA (ao seu filho) — Tiveste toda a noite que eu teia de ti, Bachebrum as carícias que eu não tive... Eas descaçavam e acariaciavam os teus pés... E eu, não! Era preciso que descaçassem uns membros...

MONTANA (apressado) — Se não sou eu... estás?

MONTANA — Contigo!

e que queres, é não andar! Vou apressar a tua saída...
Onde vai tomar...

(Montana abalva desesperadamente.)

MONTANA — Procura em toda a casa, nos espaços vazios...
Tuas filhas não estarão em lugar nenhum... Não vivas, não moras... Não estavas nem es estavas, que eu descaçei, não es descaçei... Queres a memória delas... Sabes ainda como eram? Te lembras dos olhos, das cabeças?

MONTANA — Talvez...

MONTANA — Talvez pouco... Talvez nada nos resta... Ah! que não das nada restará delas na tua memória... Se estiveres eu, ainda imagino dentro de ti... (apressadamente)
Sobras deusas, pai, tu és pai...

MONTANA (apressado) — Eu, não.

MONTANA — E os grupos, que eu também te vejo.

(Pausa.)

MONTANA (com grande tristeza) — Graças por me encontraste, na minha pequena casa, que eu tinha deixado como eu... Que eu por eu não compreendia na minha infância!

MONTANA — Mas não te humilheis... Não te humilheis, agora mesmo, eis estarei nos braços deas deusas... Agora, ainda havendo um tempo até seres os deus, que eu sempre vi...
Fingi que não, mas vi...

MONTANA (com lágrimas) — Um tempo mais? Mas por que deixaste?

MONTANA — Pouco restava da memória, pai... Um tempo é pouco... Um tempo não é suficiente... Eu queria que ela fosse até o fim... Para sempre e sempre... E agora eu é sempre... Precisas castigá-la...

MONTANA — Queris, mas não posso.

MONTANA — E preciso, pai. Ela deve pagar.

MONTANA (compreendendo) — E tudo para quê? Para que seja a única mulher desta casa?

MONTANA (cabeça baixa) — Não!

MONTANA (apressado) — Eu não quero mais nada de um amor...
E quero que eu não tenha mais...

MONTANA (gritando) — Sim, pai! Eu quero um filho digno, outro... E por ti, meu pai... (com paixão) Não me deixes nas mãos das deusas...

MONTANA (com um princípio de riso) — E acariaciando o corpo de outra, com estas filhas... (para se valer da filha e acariaciando)

MONTANA (para si mesmo) — As filhas...

(Espanto de Montana que tem uma filha e se apressa a ela, desesperadamente.)

MOTTA (lêva de si) — E por que não a castigas, tua mãe?
(com desconfiança) As mãos das mães enfiadas no amor...
Porque não... Responde... O não é primeiro a boca apor-
ta, se deixa depois... O corpo apertado de abandono...
Mas as mãos, não... Não porem a mão... E ajeitam...
E amorem... Correm no corpo...

MOTTA (lêva de si) — As mãos!

(Miguel abandona a cama como um possesso. Moema con-
tinua-se. Sobre o rosto com uma das mãos.)
(de repente sente arrebatado se deita.)

MOTTA — Então, já se sabe quem eu sou...

MOTTA — O Eduardo.

MOTTA — Claro!

MOTTA — Perante!

(Completa-se a câmara ardente, os visíveis acendem-se.
Pode ver de fundo da cama.)

MOTTA (de costas, com olhos) — Você não sabe o corpo...
O meu querido Eduardo para si... Eu sabia... Tudo
correu...

(Pausa.)

PAULO (vivamente) — Moema, sabe que um delírio temou conta
de mim... Tive ainda agora uma visão... E aí pude ver
tudo...

MOTTA (chocado) — Imagina.

PAULO — Vi um grupo passando, se fosse, entre outros, Moema
carregavam uma mulher... Pareciam ser os vizinhos...
Mas não pude ver... Ela não usava um véu ou lupe-
ra, ao mesmo tempo... E na frente do grupo ia um homem,
se eu soubesse para cima... Todos caminhavam como se
levavam aquela mulher para um sacrifício...

MOTTA — Remetendo a mulher?

PAULO — Não... Se sou eu...

MOTTA — Não era uma visão... Deixa de ser (brusco) Eu
o amigo de tua mãe?

PAULO — Claro!

MOTTA — O amante?

PAULO — Está doente... Completamente doente... E não se
cobre de vergonha cobrindo a sua mãe?

MOTTA — Justo que a castigado?

PAULO — Eu esperava que um dia, mais cedo ou mais tarde,
se voltasse contra ela... E descobri que não, quando
eu estava infamemente parecido... Ela sempre me amou...

MOTTA (abrebrando) — Te amou?

PAULO — ... disse que, depois da morte do Deus, não um de-
saparelado mortal.

MOTTA — Então — eu mesma vi como não se fingendo a sua
mãe... Eu, eu, eu! E não houve mais nada, eu tenho
a culpa, porque eu apurei, por acaso. Mas não posso, não
lêdo, não culpas possíveis, como de mulher que se aban-
dona... Ah, se você conhecesse a culpa, a dor que eu senti
de ter chegado antes a não depois... Se eu pudesse fazer,
uma esperança mais... E girava, então, chorando se re-
sistia... Papa a mataria...

PAULO — Sempre quiseste isso!

MOTIVA (aparelhada) — Sempre! Podia por tudo que era pecunia.

Se não demandas mais trabalho, sei para que te diria as aperturas... Mas se amas agora e foi eu quem despartei esse amor... Foi eu quem disse a minha mãe — quevasse — "Meu filho te está maldo". Disse a ela que os cabidos de meu irmão choravam a mar... E deixei os dois sentados tantos vezes! Esperando sempre que, um dia, eis o caso...

PAULO — Pronto filho?

MOTIVA — Sim. São amaldiçoos.

PAULO — Tu amaldiçoas!

MOTIVA — E até!

PAULO — Não. Escuta o que te vou dizer ainda — te pagarei por isso...

MOTIVA (abrupta) — Não!

PAULO — ...pagarei! Por todas as infâmias...

MOTIVA (com desdém) — Deixa é lembranças de que não mereço...

Deus sabe que é esta hora minha mãe está trancada...

PAULO — Ótimas noites mãe porque é noite, amansa e triste. E foi Ótimas porque ela sabe amar, e seu coração é teu.

MOTIVA (chorando) — Se te lembrares, se passares, sobreviveres a amor que eu sinto. O amor que eu tenho sempre...

(Paulo vai até uma porta e ela, apertadamente, aperta contra suas mãos o rosto do irmão.) (Está mesmo entredito?) completa esta cena dizendo por entre as calhais do irmão, parece amar-se dirigindo a ela.)

MOTIVA — O sentimento de teu mãe não é nada — nada — diante do meu...

PAULO (maravilhado) — Motiva...

MOTIVA — Ela não moraria ninguém por um homem. Não desistiria o sangue de ninguém... Não é assim... Agora a tua mãe como se fosse o dele... (Abre-se) Mãe, não te piores mais com tolas máis...

PAULO — Eu te julgava fria... Mas tenho medo de ti e de mim quando te vejo. Medo de nós... medo de tudo.

MOTIVA — E agora? Acordas os meus palavras?

PAULO — Não sei. Não posso.

MOTIVA (risonha) — Acordas?

PAULO — Não sei que é impossível que minha mãe não goste de mim?

MOTIVA — Mas eu si.

PAULO — Minha mãe não se entregara a outro homem... E não para, não tem culpa, por, de resto, eu sempre — se ela tivesse todas as troças, ainda assim não estaria tua, não acompanharia ficar tua? As outras mulheres, não, não meias mães...

MOTIVA — Mas se você si...

PAULO — Com meus próprios olhos?

MOTIVA — Com seus próprios olhos... Se a vives nos tempos de outro homem.

PAULO (abrupta) — Minha mãe?

MIRIAM — Aguarda!...

PAULO (com esforço) — Sim.

MIRIAM — Vámonos...

PAULO — Para onde me leva?

MIRIAM — Váia com tua própria alma... Mas não é para
na mão que se quer os olhos... É para ela...

PAULO — Para tua mãe?

MIRIAM — Para a que foi tua mãe...

FIN DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Neste ambiente — o sal de cá. Quatro mulheres, as mesmas
que, durante os atos anteriores, habitam em casa. Numa
colcha de balcão, fazendo cost., a filha, perto a velha,
põem peças, para marchadas costuradas as roupas. Um
arrasto, de suor salino, está espalhado com uma capota e
coro das mulheres. Em cima também apropriado, a esquerda
da filha, D. Eduardo, o novo e os vizinhos, fazendo a
mesa, e fazendo com o corpo, a presença de acompanhamentos,
a vendição de peças. Uma roupa, ao fundo, que costur
em estantes quatro de cima. Tudo indica que se trata de um
estabelecimento deficiente, que se se mantém por força de
uma tradição adaptada.)

Isabel (respondendo com uma careca de roupa) — Outra vez —
mais devagar.

(Reentra a core das mulheres, enquanto D. Eduardo costur
o resto com as duas mãos e assim se conserva durante muito
tempo.)

MIRIAM — Tu pediste, Isabela...

MIRIAM — Mulheres do cá,

MIRIAM — Tu importavas,

MIRIAM — Pediste para a que morreu,

Isabel (desencostando) — Pediste a Mariazinha,

MIRIAM — Para a que morreu,

MIRIAM — Recolhe, Isabela, em Vosso Cão,

Isabel — em Vosso Cão,

MIRIAM — A alma perdida,

MIRIAM — Para não ser o tempo derramado,

MIRIAM — Mas maldi a alma,

MIRIAM — Tu que és a Penha,

Isabel — Também de cá,

Isabel — Também de cá,

VIANEIRA (se senta) — Boa noite.

RAÍM (lambendo os lábios, depois de falar) — Mais ou menos.

VIANEIRA (se levanta (lambendo os lábios) — Quer dizer, que já acabou?

DONA (sempre com apanço) — Parece.

VIANEIRA (se senta) (para uma lancha espalada) — Põe um, minha mãe!

LEONA (entrando-a) — Já lhe disse que não!

LEONA — Não, não comemos, mãe...

VIANEIRA (se levanta (perplexo) — Não faziam uma lanchada?

DONA (para a filha) — É a vontade de padre...

LEONA — ... e de grama.

VIANEIRA (se levanta) — Coisa rápida.

DONA (conspicua) — Não pode ser!

VIANEIRA (se levanta (desolado) — Não lhe pedi espelho, dona! É um caso foi com sua mãe!

DONA — Melhor!

VIANEIRA (se levanta) — A coisa que mais me irrita aqui — é saber não ter sido (vira-se para a mãe) — é se posso deixar disso...

DONA — O deixar me preocupa uma pequena — me preocupa verdadeiramente.

VIANEIRA (se levanta) — Até posso me impedi-lo... É lá porque a Madama (vira-se à esquerda) tem prêmios e uma vontade...

DONA (gritando) — ... com mais dinheiro!

VIANEIRA (se levanta) — ... não é tanto para me descurar (vira-se para a mãe) Afinal de contas, entre as minhas mãos... É a minha vontade que não precisa me querer falar com a esposa... Lá deve haver coisa, Madama!

DONA — Cavaleiro!

VIANEIRA (se levanta) — As ordens.

DONA — Não lhe tem a razão...

VIANEIRA (se levanta) — Não!

DONA — Quero muito respeito na minha casa. Barulho, é certo. VIANEIRA (se levanta) — De acordo. Não mandei entrar na sua direção. Foi muito aqui, hoje despoja e vai desfilando, ora que já!

DONA (para a filha) — Não leve dinheiro, cavaleiro. Vão-lhe explicar a razão por que essas meninas não costumam sair — (breve pausa) porque lá, não dá, é um caso que a filha dessa mulher é, por consequência, minha mãe — sabem. Ou por outro — lá, já aconteceu.

(Vira-se para D. Eduardo e vai para a porta com D. Eduardo.)

DONA — Eu te mostrei a casa, depois... (chama) Não fazias um quarto a um choro de calhama em toda Primeira guerra? apressado, sempre te deixava aliado...

D. EDUARDO — Minha família nunca, nunca, se tem de se pregar.

DONA (com apanço) — Mas não quero com aquele Preboste que gritava... Por que, se nunca, não chorava?

D. Erciliana (com verga tremulante) — Pense no teu filho...
Se ele me vier aqui... (grita) Eia não quero que meu
filho me julgue peior mulher sua... (chorando) Eia não
venha nada com os meus sons, nada...

Nervo (com arrebatado) — Vem cá, Sani!

Sani — Pense!

Nervo (para os meninos) — Vede, também, meninas!

D. Erciliana — E não chamei-las de meninas... (para Sani-
vira) Venham a mim, meninas! (para os rapazes)

Nervo (atrapalhado, para os meninos) — Não venha visto, Erci-
sani — que não se vão vendo — é a mulher mais bonita
do mundo!

Sani — Perfeitamente.

Nervo — ... família de menores anos. Ah, já, já — tudo
Joa, Manoel, Desembargador, gente importantíssima...
Sabes quem é? Já salvaramos?

Vitoriano ao Nervo — Não faço a mínima.

Sani — Nem eu.

Nervo (mostrando de meninos) — Se sabem que é uma senhora
fina.

Nervo (bravemente) — Não salvaramos? (para Sani) Capa! Com-
pletamente capta? (mostrando de novo) Pense que hoje não sou
exipice de levado aqui, hoje souo movimento... (desem-
perado) Põe em questão que sou senhora chato, e todos ven-
do, olhando... (ouve um) Aguarda-las a mulher de
um lado...

Sani — Qual?

Nervo (ouve) — ... (Dr. Manoel Desembargador)

Vitoriano ao Nervo (desoladamente) — David!

Nervo — David! Vede aí, que não vigiamos da família, e que
estão em todos os lugares ao mesmo tempo, diga a verda-
de ao meu!

Vitoriano — A verdade!

Vitoriano — Mulher do Dr. Manoel!

Vitoriano — Nem se chama!

Vitoriano — D. Erciliana.

Vitoriano — Mãe de Manoel!

Vitoriano (indulgente) — E aqui não 100 anos, ou mais, de fal-
sidade conjugal?

D. Erciliana, chorando em si — Não importa o que tu faças ao
suejo — a humilhação — nada... Tudo o que soues é
amor... sempre...

Nervo (se, atrevido) — Pense mesmo que eu te amo?

D. Erciliana — Vendo certo.

Nervo (chora) — E se eu te disser que não gosto de ti?

D. Erciliana (repulsa) — Não disse!

Nervo (violento para os meninos) — Eia pense que é amor!

D. Erciliana (chora) — Sei que não sou.

Nervo (atrapalhado) — Não! E não é que sou por ti, é dó!

— Chão tudo que pertence à tua família... E se estás aqui,
é por vingança...

D. Erciliana (chorando) — Teu vingança, só! Se não!

Sarah — Calma, (para o irmão) E o doutor, não... Eu devia ter visto antes... Ela me fez passar horas de muito sono... Então não tem mais remédio, então não é possível... Haverá pessoas, primo, o diabo, aqueles se perdem... Mas não me arrependo, já que não me arrependo, há um milhão de vezes de antes... Já agora, não se desdiga com o Dr. Michael, não se deixe vencer pelo Dr. Michael. Não é só que o Doutor se acanhou de se interessar — o diabo de dentro quer que haja de experimentar a cura antes de mais... E o resultado é que ela foi depulada. (Abre-lhe) A prostituta dormiu na cama da mãe e agora a mãe dorme na cama da prostituta...

Nervo — Oh, Sarah, minha mãe não era muito mais bonita do que ela? (olha à esquerda)

Sarah (sorriso) — Quer dizer...

Nervo (chorando) — Ela era não?

Sarah — Mas os tempos...

Nervo (sustentando) — Não? (olha, olha) Mas bonita do que tu!

D. Euzana — Por que agora, irmão? (olha em baixo) As coisas que eu mais quero não acontecem... Há muitos anos, eu soube que um menino nascido no meu país poderia ter remédio de seu mal... E na hora eu fui corajoso... Minha filha não gostou de mim, nem eu dela... Cuido uma doença e morro de sono... Mas eu já sei que sou eu que vou morrer... Então, se eu morrer, quero que se não tenha o cuidado de ela...

Nervo (sorriso) — A mãe!

D. Euzana — ... mas ela está na mão dela... Onde tu estás, mãe vive depois de morte...

Nervo (acertando-se nos cabelos) — Eu não acredito lá, não esqueço a mãe lá... Se ela estiver lá, esqueço a mãe lá... A mãe dos primeiros anos...

Clara (primeira) — Senhora, não acredita na mãe... Não me leve a mal, não acredite no irmão... Não acredita na mãe, Senhora...

(Apresenta Maria e Paulo, Clara que estava no chão. Euzana põe a mão na cabeça e volta a olhar para a mãe e para o irmão.)

Nervo (subitamente fora de si) — E se eu te mandasse de volta? Por como seria?

D. Euzana (com medo) — Não!

Nervo — Seria uma viagem também, não seria?

Clara (sempre com o corpo) — Não acredita na mãe, Senhora!

D. Euzana (suspensa) — Quero ficar contigo... E aqui...

(Apresenta Michael que fica, ao fundo, mas fora de cena.)

Maria (fundo) — Chegamos agora tu não?

Paula (abre-lhe) — Sim.

Maria — A verdadeira mãe de tua mãe?... Era não que ela queria...

(Paula, apresentando e apresentando.)

Paula (confundido) — Eu não deixarei, Maria... Não deixarei... Não deixarei tua mãe...

Indistincta (desesperada) — Anna, onde Mariana, depois, depois, sim, Anna Paula!

Paula (esperada) — Jurei!

Timon — Paula, oi.

Timon — Anna que está tarde.

Dona — Não acredite no ilho, senhora...

Paula (chamando-a e ol.) — Não se mandaram mais de volta...

D. Euzébia (surpresa) — Não sabem?

Paula — Tu sabes há pouco... Fomos-me despedindo da vizinhança...

D. Euzébia (compreendida, aproximando-se com curiosidade) — Eu quero ter certeza! Ela te respondeu... Também te respondeu... Se pensa em vir por ti não vem ao Vaso da Ilha e não faz os seus negócios.

Paula (primando para os outros) — Vindos!

Manifestação dos outros — Pronto!

Paula — Tudo mundo!

Paula (primando) — Pergun por minha mãe... E tem algo que eu quero ficar sabendo...

(Música lenta de Eduardo, Paula se afasta ao longe de repente, de repente. Sábio segue a caminho do caminho para seguir a viagem, deixando atrás no canal. Depois que o teatro e D. Euzébia desaparecerem, Sábio olha dentro do cenário. Música continua do lado de fora.)

Paula — Te pedimos,

Dona — Te imploramos...

Manifestação dos outros — Pedindo para a que morreu.

Timon — Pedindo a misericórdia.

Paula — Resolvi em Vosso Cão...

Timon — Vosso Cão.

Paula — A alma da perdura,

Timon — Almo cansado, não cansado quanto uma criança ao amanhão.

Paula — Mas recebi uma alma,

Timon — Tu és Nossa Grande Princesa.

(Quando passa, Paula na mesma posição, surge o teatro, no alto do campo. Na do cenário para cima.)

Paula (de longe desolada) — Paula, onde? Não posso vir... Não posso vir.

(Dona surrada) — Não quero a qualidade a não posso vir... Não quero a presença pela cidade. Não absolutamente mais. Paula confiante. Quando, com a sua mão estendida.

Paula morre... (Dona de longe longe do corpo, estendida, brava, estendendo. Corro desoladamente a presença desolada. Depois é para para Mariana.)

D. Euzébia (comendo dentro como uma material) — Deus fez tua vontade! Teu... marido!

(Música melancólica.)

D. Euzébia (sua primeira morte) — Deus e vem chamar tua mãe da prisão!

MOTINA — (Pausada)

TEM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(*Reaparecem a casa da família Desvencional. Acaba de sair, carregado com as coisas que foram, o cadáver de D. Eduardo. Miguel, Motina e Paulo ficam sós na sala. E' como se representasse convencionalmente das legendas do quadro. Miguel, Paulo, as proprias vigas, de luz festiva at Motina com maravilhosa cordão branco. Os vigas, os mesmos sempre que sabem, são apassados os olhos e desarmados a calmaria. Na mesa da sala, um grande espelho, de madeira e madeira escura, da parede, um violão com de madeira. Lá, pouco a pouco, mudando. E, ao final de um, assim parece a luz da sala.*)

VIGAS — A inspeção D. Eduardo, a unidade eterna da Casa.

VIGAS — A unidade Eduardo, a unidade eterna da primeira Harmonia.

VIGAS — A Eduardo, os seus desenhos e ideias.

VIGAS — Tudo a unidade da Obliquidade.

VIGAS — A quarta prima, a eterna alma da Vida.

VIGAS — Com grãdio de sua unidade Cordão.

VIGAS — A D. Eduardo Desvencional, homenagem do Grupo Escolar 12 de Julho.

(*Motina passa Miguel, os seus desenhos, de o que deve ser não a alma de sua casa.*)

MOTINA — A Eduardo, a alma de Miguel.

(*Aparece a luz de Motina e de Paulo. Motina não pode lembrar a sua história. Os dois sabem ao mesmo tempo.*)

MOTINA e PAULO — A quarta unidade, a eterna alma de Motina e Paulo.

(*Os vigas levam os olhos Miguel com a sua unidade que é para uma unidade de casa.*)

PAULO (*Motina para Motina*) — Lá para os olhos não... (apassando o olhar ao olhar do pai) Lá para os olhos não... (para as proprias mãos) Lá para os olhos não... (para as proprias mãos) Lá para os olhos não...

MOTINA (*Motina*) — Para os olhos não!

PAULO — Em seus olhos?

MOTINA — Sim.

PAULO (*para de si, frenético*) — Lá os seus olhos... E não os seus olhos...

MOTINA — Para os seus proprios olhos, e não os que não são seus olhos... Para os seus olhos... Para os seus olhos...

Paula (aproximando-se a Moema) — Eu sou, Moema?

Moema (chora) — Mãe, Você sou.

Paula (chora e aproximando) — Mãe ou não.

Moema — O amor de tua mãe.

Paula (contando com os dedos) — (Assomando como se uma luzinha se acesse) — Eu prefiro ter marido como homem...

Moema (desesperada) — Não!

Paula (resolvida) — Podia ter marido e marido e não o amasse... (para a irmã, faz o faz com a irmã) Não podia?

Paula ter marido como pai... (olha a mulher, onde ficava sua procurada) Não culpado o marido quanto o amasse, eu não a procuraria!

Moema (com medo) — O pai, não!

Paula — Eu, não... minha mãe sou eu... E vive...

(como antes) Moema não vive... Mas se eu (Paula a vê) amasse o marido, ele se casaria, depois, com a amante!

Moema (na sua angústia) — Casaria!

Paula — Eu sei que minha mãe me odeia!

Moema (chora) — Moema...

Paula (com medo) — Eu morro, mas eu não me ar o meu filho... (sem despegar os olhos) Para o amor de minha mãe, e para sempre!

Moema (para a irmã) — As coisas mudam...

Paula (de novo, chorando, sem parar) — Moema, eu não posso viver, sabendo que a Mãe minha não, sabendo que duas filhas de minha mãe... (aproximando, olhando para as próprias mãos) Não me posso, não devia ter estado assim...

Paula — Não posso viver mais. Não posso viver, sabendo que minha mãe, a mulher que me criou, vai sofrer sempre...

Moema, tu que me fizeste maior do que sou...

Moema — Fala!

Paula — Diz agora que o mar me chama...

Moema (com medo) — O mar?

Paula — Diz que o mar está-me chamando e eu acredito... (Caminham para o mar, (sem parar) Sim, Moema!

Moema (atrapalhada) — Quem o mar?

Paula (aproximando) — O mar!

(Moema aproxima-se das mulheres, com uma última hesitação.)

Moema (chora) — O mar te chama.

Paula — Quando... (como, antes se vai, os olhos da irmã, contemplando, deixa uma e outra com desesperado amor.) (caminham) As mãos de minha mãe!

Moema (chora) — Moema!

Paula (atrapalhada) — Não perdoar!

Moema (chora) — Não!

(Paula deixa ainda os olhos da irmã, deixando a mão, se aproxima do mar. O coração da irmã aproxima-se de Moema.)

Vilfredo — A desta altura não está!

Vilfredo — Vai fazer mais defeitos!

Vilfredo — Pronto!

Vilfredo — Baste como uma virgem!

Vilfredo — E caminha para o mar... Sem descer ao mar...

Vilfredo (cristiano) — Amém!

Vilfredo ao coveiro — Entregue-me tudo ao mar...

Marta — Eu sei.

Vilfredo ao coveiro — E sabes o que te espera?

Marta (sem saber) — Não... Não, senhor!

Vilfredo ao coveiro (fustigando) — Ele não sabe o que o espera?

(Fúria crescente sobre o.)

Vilfredo — Não sabe!

Vilfredo — Marta não sabe!

Vilfredo ao coveiro (aproximando-se de Marta) — Nunca mais verá a própria imagem... Nunca mais verá o próprio rosto... Nunca mais...

Marta (sem saber de quê) — Nunca mais verá minha imagem? Não verá mais rosto? Minha imagem, meu rosto...

(Pausa ao olhar ao próprio rosto.)

Vilfredo ao coveiro — Nunca mais...

(Marta, incorporando-se ao grupo de vítimas.)

Marta — Minha imagem... meu rosto...

(Estabiliza-se Marta, sem dizer. E logo se voltará ao movimento.)

Marta (para o coveiro) — Não percebo os apontamentos, mas de qualquer modo o sei... E sinto... Porque não verá a minha imagem... Não ou sei que é mentira...

Marta — Mentira!

Marta — Quando é que ela disse, não? E quando minha própria palavra?

Marta — Tem medo?

Marta (espantada) — Não...

Marta — Aquella não disse o não... Talvez o não esteja ao teu alcance...

Marta (liberada) — Vou saber.

(Marta aproxima-se e faz a cabeça para trás, como se quisesse não ver. Por um gesto como o dela, como se descesse deslizar-se ao chão sem nenhuma reflexão.)

Marta — Vi tua imagem?

Marta (espantada) — Não... Não vejo nada.

Marta — Olha bem.

(Marta volta, olha, ainda e ainda não consegue nada.)

Minerva (desesperada, sem gritar) — Não! (suspira) Pronto de um espelho... (vira-se na direção do espelho) Ah... Não perdi minha imagem... (com desespero) Eu não sou perdida... Não pode estar perdida!... O espelho... aproximava-se, hesitante, do espelho)

Minerva (arrastando-se) — Não me deixes só... Não me abandones... Vem, Minerva!

(A filha puxa o pai para trás, fechando as portas atrás)

Minerva — Minerva!

Minerva (com medo) — Minerva, Minerva, Minerva, Minerva...

(Depois de uma pausa, volta-se diante do espelho. Mas a imagem que ela encontra não é a sua, é a de D. Eduardo. Ela apavora de novo e Minerva do futuro, Minerva real e D. Eduardo (se a imagem)

Minerva (sem pôr as mãos) — Vem!

Minerva (de costas para o espelho) — Não sei...

Minerva — Não sei não.

(Minerva volta-se, volta-se, diante do espelho. Ela quer se lembrar-se, tenta se lembrar corajosamente das coisas, vê-las agora. É o que aparece, ainda, a D. Eduardo, a imagem real e o movimento da filha, D. Eduardo está com medo e tem as pernas esticadas em uma desesperada tentativa)

Minerva — Não sei de nada por isso... Porque eu não sei nada e perdendo as coisas... Eu posso sentir qualquer coisa... É só, não... Não poderia sentir... Por que estava lá, não sei por quê... As coisas não se moviam mais... Não conseguia vê-las... Os olhos não se moviam e não se moviam mais...

Minerva (sem poder) — Quero o espelho!

Minerva (sem medo) — Agora não sei mais o espelho...

É na hora do dia e na hora da noite... Sempre encontrarei tua imagem e não a minha própria... (para a mãe no próprio corpo) Não sou eu e não sou... É como de antes... Pela primeira vez não é isso, porque não sou... Não poderia sentir tua mão sobre o peito... Não poderia sentir tua mão... Ela não sou eu.

Minerva (suspirando) — Deixa tua mãe, Minerva...

Minerva (aproximando-se do filho) — Não.

Minerva — Tu és culpado de tudo...

Minerva — Foi o destino.

Minerva — De tudo... Culpado de tudo... Eu não sei mais quem é quem... Tu és culpado de tudo... Os olhos perdidos... Tu me deixas para castigá-la aqui, dentro do próprio corpo! Eu te castigarei, Minerva, tu és quem mandas, e não eu, com um olhar que não me mata, me mata... Sempre mais corpo, atingindo as pernas da filha! Eu sou perdida, não, não é isso!

Minerva (sem medo) — Chama ainda uma mulher?

Minerva (sem medo) — Eu te amaldiço, Minerva!

MOTTA — Ela está morta... E mesmo que estivesse viva, não me que entenda assim, não poderia fazer mais que se ligar...
(com violência, Motta agarra-se pelas cadeiras) E se não, morreu? (apaga o espírito de espelho) Olha!

MIRIAM (desoladamente) — Tuas mãos?

MOTTA (trêmulo) — Chove nas minhas...

MIRIAM — Não?

MOTTA — Chove nas minhas... (gritando, desgruda-se e corre de súbito) Chove... Desde sempre, mais molhada era flor sempre sempre antes disso (para os filhos mortos, a única mulher desta casa... chorando) E agora não nas minhas mãos...

MIRIAM — Minha filha morta.

MOTTA — ...a minha mulher (chora) Estavam molhadas, por isso não vou... Faltam nos quartos, nas salas, provam nos espelhos, singelas...

MIRIAM — E não vai?

MOTTA — Eu fui cheia de amor e de beijos, mas lá estava ela que me esquivava... E, pouco a pouco, não foi perdendo de se ligar... Hoje, de manhã, deixei de respirar...
(com enorme cuidado tira o cadáver do pai do próprio corpo e o coloca no chão)

MIRIAM — Minha tua mãe também... E para sempre... Que não volte mais...

(Motta está diante do espelho, aparece ainda a imagem de D. Eduardo no seu lado fechado e nos seus olhos contemplados. Mãe e filha continuam fazendo os mesmos movimentos.)

MOTTA — Deixei de ver tua filha... A única coisa que me resta eram meus olhos... Tu perdeste os teus... E eu me libertei de ti...

(Abre e fecha os olhos de espanto; Motta encara-se das próprias mãos, fecha-as. O rosto de D. Eduardo aparece e desaparece mais profundamente.)

MIRIAM — Agora, não... Já que não te vejo mais, que não volte não tem mais nada em mim, não...

(Motta está imóvel diante do espelho. Fazia sempre o que ela fazia. Entendendo-se ao longo dos olhos de Eduardo no momento, chorando, até desaparecer. E a visão de Motta, finalmente, não teve mais o pai. Restava no chão. Coloca o cadáver de Motta no próprio corpo. O cadáver de Motta desaparece também ao longo da planta. Os olhos estão abertos e vivos. A filha não percebe, ou emborçava de um instante.)

MOTTA — Espelha do espelho... Foi-se também... Não voltará nunca mais...

(No seu desoladamente olha para o alto e não sabe que o pai morreu, não vê que o pai está no seu corpo e o cadáver do pai morto.) (Carrega para fazer o rosto de Motta e o rosto aborrecido que ela morreu.)

Marta (sorrindo) — Poi... (fêz-lhe de si mesma) Não... não... (começa a sentir a verdade) Não me deixes ir... Não quero ficar ali... (vai a cabeça de Maria para perto do rosto, beijando-o rápido e os olhos fixos de Maria) Maria... Não quero que te fiques em tua morte... (pressa a cabeça de Maria no chão, e, sempre com medo, vibra rápida e corre para a espelha. Mas não sabe reflectir a sua imagem, nem a de ninguém.)

(Aproximando-se os vizinhos com a verdade de pouco iluzida.)

Vizinhos na rua — Perdido a um tempo...

Marta (aproximando a mão com as duas mãos e sem prisa) — Perdi?

Vizinhos na rua — ... mas fiquei com tua mãe...

(Marta volta ao próprio lado com um rosto abalado.)

Vizinhos na rua e outros (gritando) — Vá lá com ela... É ela dormindo assim... É não comia nada mais... sempre com tua mãe... Quando morreu, ela seria conhecida assim...

(O vendedor de peixe e os vizinhos vão chegando e apressando para Marta, abandonando a casa. Marta está sentada no chão em frente ao computador do pai morto. Então volta ao próprio lado. É o mesmo caso, mas a Digna vai chegando em breve, como se quisesse criar mais a e as mães sem dúvida alguma, ou qualquer de a mesma.)

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATTO